

A “trajetória intelectual” de Fernand Braudel (1902-1985)

Diogo da Silva Roiz¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

A “história biográfica” originou-se na Antiguidade Clássica, tendo como pioneiros Suetônio e Plutarco. Nos séculos XVIII e XIX, a “história biográfica” (que no período medieval não deixou de existir, principalmente, na forma de estudos hagiográficos) permaneceu como um gênero de pesquisa, preocupado com os feitos e acontecimentos, sintetizados no papel desempenhado pelos chamados “grandes homens”, que ocupavam posições de destaque nas instituições religiosas e no Estado. Descartada durante décadas no século XX, em função de seus limites conceituais, restrições metodológicas e hierarquia de fontes e personagens selecionados, a “história biográfica” retorna, a partir dos anos de 1980, como uma forma (entre outras possíveis) de se analisar as relações do indivíduo com a sociedade no tempo, de modo a configurar suas relações mútuas, tal como efetuada por François Dosse, ao analisar as trajetórias de Pierre Chaunu (1923-), Paul Ricoeur (1913-2005) e Michel de Certeau (1925-1986), ou por Jacques Le Goff, em seu livro *São Luis* de 1996.

Com o objetivo de escrever a “biografia intelectual” de Fernand Paul Braudel (1902-1985), Aguirre Rojas, propõem-se neste livro (*Braudel, o mundo e o Brasil*) a rever o itinerário do biografado. O livro se compõe de três capítulos, originalmente escritos como conferências, e publicados em seguida em revistas especializadas entre 1992 e 1996. A versão em livro foi consideravelmente revista pelo autor, de modo a excluir principalmente as repetições.

Para o autor é complexa a aproximação deste gênero de análise histórica, que é a biografia, com outros campos ou gêneros de pesquisa. Pela sua “especificidade inerente ao fato de que não se trata de uma biografia pessoal, mas de uma biografia intelectual, o que redefine a hierarquia dos elementos a serem considerados, mas também o modo de tratá-los”, pois, conforme observa o autor “esse projeto tem de enfrentar a condição especial que essa problemática biográfica possui na atual conjuntura historiográfica, na qual um conjunto do que se denominou ‘retornos’ diversos das velhas temáticas [...] pareceria ser uma das notas dominantes dessa produção histórica recente” (2003a, p. 8).

¹ Doutorando em História pela UFPR, bolsista CNPq. Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambaí, em afastamento integral para estudos. Endereço para correspondências: Rua José Luiz Sampaio Ferraz, 1133, Vila Gisele, Amambaí, MS, 79990-000 (diogors@yahoo.com.br).

Partindo desse pressuposto, o autor analisa as contribuições de Arnaldo Momigliano e Giovanni Levi para a discussão do tema, oscilando em alguns momentos nas observações de Georges Plekhanov, Jean-Paul Sartre, François Dosse e Jacques Le Goff sobre o assunto. Com base nesses estudos, divide a biografia intelectual de Fernand Braudel em diferentes fases, ainda que muitas vezes uma coexista com a outra.

A primeira corresponderia aos “elementos formativos” e iria de 1902 a 1927, quando o biografado, que foi um homem de fronteira, obteve a sua formação escolar, com uma infância camponesa e uma adolescência parisiense. A segunda, entre os anos de 1927 e 1937, quando o biografado esteve lecionando na Argélia e depois no Brasil. A terceira perpassaria de 1937 a 1949, e circunscreveria o período de retorno à França, aos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em que esteve como prisioneiro de guerra, até a defesa (1947) e a publicação (1949) de sua tese *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. A quarta fase se estenderia de 1949 até 1963, quando escreveu diversos artigos metodológicos e ocupou as principais posições institucionais das universidades francesas e da Revista *Annales*. O quinto período descrito pelo autor se estenderia de 1963 a 1979, época em que se ocupou de sua segunda grande obra que foi *Civilização Material, Economia e Capitalismo*. Por fim, estariam os anos de 1979 a 1985, com seu projeto inacabado de escrever uma História da França e a escrita de seus últimos artigos.

O autor observa que, embora muito significativa, a obra do biografado ainda possui muitos textos inéditos, pouco estudados pelos pesquisadores, e que seriam importantes para se compreender o conjunto da obra de Fernand Braudel. Constata que há várias possibilidades de ingresso e interpretação da obra. A primeira seria a análise de “sua teoria das temporalidades diferenciais na história e particularmente a longa duração” (2003a, p. 62). A segunda seria o estudo de “sua visão singular em torno do *horizonte da história global*” (2003a, p. 75). O terceiro “refere-se justamente à profunda coerência interna que articula o conjunto de sua obra” (2003a, p. 82). E, por fim, a “quarta maneira possível de ingressar na obra de Fernand Braudel consiste [...] em partir desse vasto conjunto de revoluções historiográficas específicas situadas pela infinidade de teses defendidas nos trabalhos e pesquisas de nosso autor e hoje aceitas pelos historiadores” (2003a, p. 91).

O autor fecha seu livro com um estudo do período que chamou de latino-americano e brasileiro do itinerário de Fernand Braudel, que se estenderia de 1935 a 1953, e o biografado teria grande interesse por esses territórios a ponto de escrever vários artigos, ministrar cursos no Colège de France, e mesmo escrever um livro que acabou não sendo publicado.

De modo semelhante, o autor voltará a analisar esse tema em seu livro *Fernand Braudel e as Ciências Humanas*, mas agora dando maior ênfase a sua contribuição para a História e as Ciências Sociais. Nesse sentido, o primeiro livro se ocupa mais da história de Fernand Braudel, enquanto este da história escrita pelo autor. Assim, ao longo de seus oito pequenos capítulos, o autor irá recapitular apontamentos do livro anterior, até para desenvolver outros argumentos. Vale lembrar, que os dois livros foram sendo gestados simultaneamente, na forma de palestras e artigos, apresentados e publicados na década de 1990. Se no primeiro livro, o autor deu maior ênfase aos acontecimentos e as conjunturas que vieram a perpassar pela trajetória do biografado, neste o leitor verá que sua preocupação maior foi justamente destacar, na longa duração, os processos de elaboração da obra do autor, suas discussões historiográficas, sua herança crítica e o modo como os temas que estudou contribuíram para a própria expansão dos campos de estudo da História e das Ciências Sociais, nas últimas décadas. Como Aguirre Rojas destacará, Braudel em sua última obra (inacabada e publicada postumamente) *A identidade da França*:

Aplicando a longa duração e os distintos tempos, nosso autor mantém sua vocação globalizante, o que o leva a inserir, como ele mesmo afirma, a história da França na da Europa e a da Europa na do mundo. Ao insistir em sua preocupação com a macropergunta de por que Europa, Braudel agrega um novo elemento de resposta a esta mesma interrogação [que percorreu toda sua obra]. A partir da visão dos “ciclos longos da história da França”, que são os mesmos da história européia, fica claro que o pequeno continente contou, como um golpe de sorte, com essa milenar curva expansiva de mais de mil anos que, junto a todos os elementos antes apontados, teria *sustentado, apoiado e até impulsionado* essa projeção da economia-mundo européia para todos os cantos do planeta (2003b, p. 132-3).

Os dois livros de Aguirre Rojas são, portanto, uma bela contribuição para a compreensão da trajetória intelectual de Fernand Braudel e de sua contribuição para a História e para as Ciências Sociais com os temas que estudou, ainda que não se dedique com mais afinco as disputas pelo poder travadas entre o biografado e Claude Lévi-Strauss, primeiro no Brasil e depois na França, e em fins dos anos de 1950, após a morte de Lucien Febvre, com Robert Mandrou, para a direção da Revista *Annales*. Ou mesmo, os debates do autor com “intelectuais” brasileiros, nos anos de 1930, como Afonso Taunay e Alfredo Ellis Junior (naquele momento, ainda preocupados com o estudo dos “grandes homens”),

em que o biografado já argumentava “novos” caminhos para a “escrita da história” (se pautando nas contribuições de H. Pirrene, L. Febvre e M. Bloch). Mesmo assim, os livros contribuem diretamente para maior circunstanciamento dos debates e da trajetória de Fernand Braudel, que marcou profundamente os destinos da “pesquisa histórica”, e os avanços da História e das Ciências Sociais, ao longo da segunda metade do século XX.

Refrências bibliográficas

AGUIRRE ROJAS, C. A. *Braudel, o mundo e o Brasil*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Editora Cortez, 2003a, 136p.

AGUIRRE ROJAS, C. A. *Fernand Braudel e as Ciências Humanas*. Tradução de Jurandir Malerba. Londrina/PR: Eduel; Imprensa Oficial do Paraná, 2003b, 147p.